

# O VIMARANENSE.

**PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS FEIRAS.**

PREÇO DA ASSIGNATURA. — Por anno, ou 48 numeroes 1\$200 — (com estampilha) 1\$440 rs. — Anuncios por linha 25 — Repetidos 20. — Correspondencias 3 rs. — para os senhores Assignantes 20 réis. — Folha avulso 40 rs.



Na noite de 17 para 18 do corrente apagou-se no livro da existencia uma vida preciosa.

Sua Magestade a Rainha D. Estephania finou-se pela uma hora da noite.

Ha pouco mais d'um anno, vestidos de gala, festejavamos o consorcio d'aquelle, que o nosso augusto Monarcha tinha escolhido para ser a sua carinhosa esposa e perpetuar entre nós a sua real estirpe.

Hoje cobertos de luto vertemos sobre o seu pheretro amargas lagrimas de pungente saudade.

Altos decretos de Deus! A desmesurada alegria, que então gosamos, converteu-se na dolorosa tristeza que sentimos!

Aos 22 annos d'existencia findou para a nossa Rainha este ligeiro sonho a que chamamos vida.

Oh! como a morte é caprichosa e cruel, parece que quanto mais luzida é a vida,

mais se apressa em a ceifar. Deixa os infelizes que a almejam e vai procurar os ditosos que a temem e aborrecem.

Em lugar de seguir o curso regular da natureza, esperando que os nossos corpos, consumidos pelos annos, caiam de persi, desfeitos em pó, para então o recolher a sepultura, vem despiadosa arrastar a ella os robustos no verdor dos annos!

Se Deus com esta tremenda lição quiz mostrar-nos, que perante o seu throno somos todos eguaes, que o joven robusto e o velho valetudinario, estão igualmente sujeitos a sua vontade suprema, respeitosa-mente curvados ante esse magestoso sarcophago adoramos o seu infinito poder.



## BOIMARAZZO DE JULHO.

No numero 141 do *Braz Tisana* appareceu uma correspondencia anonyma em que nós insultavam com todo o desabrimiento.

Da noite a horas tão tardas  
Quem geme na solidão  
Deve ter grandes pesares,  
Torturas do coração.

E leva uma lyra... Será algum poeta?  
Será Trovador  
Que geme solidades, que chora desprezos  
Desprezos d'amor?

Das cordas da lyra quem t'uma só corda  
Só uma deixou  
Tão negra... tão negra? Quem ás outras todas  
A' lyra quebrou?

Não falla o mancebo qu'è seu negro fado  
Gemer pensar só.  
E chora e suspira sosinho tão triste  
Que vê-o faz dôl...

Além sobre a relva sentou-se; e a lyra  
Se vai dedellar.  
Ouçamos-lhe as queixas, as tristes eadeizas  
Que vac suspirar.

Que da noite a taes deshoras  
Quem gema na solidão  
Deve ter grandes pesares,  
Torturas do coração.

### II.

Deve ser só para os anjos

No primeiro artigo do numero 7 do no-vo periodico, referindo-nos ao auctor d. correspondencia, dissemos o seguinte:

(DOCUMENTO N.º 1).

«O correspondente salvou-se com a capa do incognito, e expoz-nos os srs. juiz de direito e Geraldês para o cruciarmos; não o faremos, porém sem que elles declarem que adoptam a defeza.

Diremos, contudo, duas palavras acerca da correspondencia, e do seu auctor.

Na grosseria da phrase revela-se com evidencia a má educação e insolencia do escriptor.

Não sabemos quem é; mas pela força da *marrada*, e pela exaltação da bilis, parece que sempre lhe tocamos pela *lã*. Em quanto a nós, o anonymo, seja elle quem fôr, ficou ferido no artigo a que se refere. O homem atirou a pedra e escondeu a mão. Fez bem: os garotos todos as sim fazem.

Mas por que nos não apresenta o seu nome?! E' por que a defesa não é consciosa, e conhece que a causa não dá honra ao defensor?! Ou por ser um covarde que só se atreve a insultar de traz da cortina, por que

## FOLHETIM.

### A NOITE DO TROVADOR.

Da noite a horas tão tardas  
Quem geme na solidão  
Deve ter grandes pesares,  
Torturas do coração.

Da noite a taes horas quem vaga no bosque  
Sosinho a gemer?  
Quem solta sentidos tão tristes gemidos  
Tem grande soffrir.

Mancebo, a esperança, da vida a bonança  
Alguem t'a roubou?  
Quem em tua vida tão doce vivida  
Espinhos lançou?

Então porque choras, suspiras, deploras  
N'esta solidão?  
Quem te ha entornado fel amargurado  
Em teu coração?

Quem fez d'esses dias que alegres vivias  
Continuo penar?  
Quem na paz mimosa da vida gostosa  
Te foi perturbar?

Dos poetas o amor,  
Qu'as mulheres não entendem  
Palavras de Trovador.

Solta agora minha lyra  
Uma canção lamarguta:  
Seja um carpir magoado  
Que exprima a minha tristura.

Tu só és a minha amada,  
Que a *injrata* me despreou  
Ai! a que horriveis torturas!  
Esta minha alma votou!

Perversa que assim mofaste  
D'um juramento d'amor!  
— Mulheres não comprehendem  
Palavras de Trovador.

Ingrata! falsa! prejera!  
Que assim zombaste de mim!  
Julgues-te mais que *deidade*,  
Mais que *deusa* ou *serafim*.

Julguei-te a casta innocencia,  
A minha estrella de luz;  
E só, perfida tens sido  
De meus tormentos a *crux*.

Tu eras a atroz mentira  
Que a cada hora me mentia;  
Tu eras viva traição  
Que a cada hora me trahia!

sabe que tem feridas cancerosas em que podiamos tocar?

Se nos apresentasse o seu nome..... quem sabe? Talvez lhe podessemos provar, que, como auctoridade é um corrupto, e um d'estes sabichões que andam de porta em porta a pedir a quem lhe redija as sentenças, que depois, inchados como uns perús, apresentam a todos como obra sua!... mas deixemos estas e outras misérias em que podiamos fallar. Os insultos são armas que se voltam sempre contra quem as esgrime. Nós desprezamos o anonymo e as suas offensas.»

Já vêm os nossos leitores que, no artigo que ali fica transcripto, declaramos-nos positivamente que não sabiamos quem era o auctor d'aquelle indecente escripto; mas como muitas vezes o dedo dá a conhecer o corpo do gigante, olhamos para o escripto e á face d'elle talhamos aquella carapuça que offerecemos de presente ao anonymo para se utilizar d'ella no caso de lhe servir.

O sr. dr. Carneiro pegou muito depressa na carapuça, pol-a na cabeça, enterrou-a até as orelhas, e assim enfeitado, voltou-se para nós com muito mau humor escrevendo-nos a carta seguinte:

(DOCUMENTO N.º 2.)

Snr. Redactor.

«Rogo-lhe queira declarar muito terminantemente, e sem tergiversação, no proximo numero do seu jornal, se as allusões contidas no primeiro artigo do numero 7 do mesmo jornal, de 30 do mez passado, são dirigidas a mim ou não; se o são diga no seu jornal que sim; se o não são diga que não, porque entre estas duas cousas não admitto meio termo.

Publicando esta minha carta no seu numero de quinta feira proxima, espero que em seguida terá a

franqueza de satisfazer ao que peço.

Sou

Venerador attento

Antonio Alves Carneiro.

Guimarães 4 de Julho de 1859.»

Nós pegamos na penna e respondemos-lhe assim:

(DOCUMENTO N.º 3).

«O sr. doutor julgou, talvez, que escrevia a um dos seus creados quando na sua carta nos diz: — se o são diga no seu jornal que sim; se o não são diga que não porque entre estas duas cousas não admitto meio termo. — Lembrando ao sr. doutor que não pertencemos á phalange dos seus creados, pedimos-lhe que tenha a bondade de admitir a seguinte resposta:

As allusões do primeiro artigo do n.º 7 d'este periodico referem-se ao grosseiro e insolente auctor d'uma correspondencia anonyma, que se acha inserta no n.º 141 do *Braz Tisana*, como no referido artigo declaramos muito terminantemente.

E' ao sr. doutor Carneiro, e não a nós, que compete declarar se aquella correspondencia é, ou não, obra sua. Pedimos-lhe que o faça, porque, no primeiro caso, queremos responder-lhe.»

Agora leiam essa carta e pasmem que obra do sr. dr. Carneiro!!

Snr. Redactor.

«A carta, que tomei a liberdade de dirigir a v. em data de 4 do corrente, e que fez favor de publicar no numero oito, do seu jornal, soffrêo uma correção fraterna de civilidade e cortezia, porque, segundo v. s.ª diz, está ella redigida em termos só proprios para os meus creados.»

«Graças por tamanha bondade, snr. redactor, mas por Deus que tanta honra

«nunca eu imaginei! Eu sei conhecer as pessoas....»

«Mas se assim é, o que duvido, porque eu roguei, não exigi, que quer v. se quando peguei na penna esqueci-me do redactor de um jornal, para me lembrar só do homem!»

«Faço esta declaração por homenagem á imprensa illustrada do paiz, a quem muito respeito.»

«Se esta confissão ingenua o não satisfaz, renhor redactor, paciencia, e vamos adiante, mas agora lembrar-me-hei do redactor, para esquecer o homem.»

«Eu pedi a v. que tivesse a bondade de declarar, se as allusões contidas no primeiro artigo, do numero sete, do seu jornal, se dirigiam a mim, ou não: v. responde-me, que se dirigiam ao insolente e grosseiro auctor do artigo, inserto no n.º 141 do *Braz Tisana*, e que v. é que pede, e a mim é que me compete declarar, se eu sou o auctor do mencionado artigo para me responder; quer dizer — eu fallei-lhe em alhos e v. responde-me em bogalhos. — Desculpe v. o anexo se não é muito decente e parlamentar, mas é a ideia que me occorre para classificar bem a sua resposta!»

«E com effeito eu pergunto-lhe se as allusões do seu artigo se dirigem a mim ou não: v. responde-me que quer saber quem é o auctor do artigo do *Braz Tisana*? Os anginhos que lhe respondam, porque eu d'isso é que não quero saber, nem me importa. A minha pergunta tem uma resposta muito simples e muito facil — sim ou não — tudo o mais é divagar, e fugir da questão, e isto não se compadece com a coragem e denodo do redactor dos artigos de fundo do *Vimaranense*.»

«E de mais a pergunta de v. é omissa. Para saber quem é o auctor do certo que a não faz. Pois não disse v. que o auctor do artigo do *Braz Tisana*, como auctoridade era um cor-

Tu eras negro veneno  
Que a alma me envenenava,  
Tu eras mentido engano  
Que a cada ora me enganava!

Tu eras maldita vibora,  
Que me mordeste á treição:  
Que me trouxeste peçonha  
Ao fundo do coração.

Eras, mulher, um demonio  
Com fórmas d'anjo a sorrir,  
Que me mataste a minha alma,  
Que roubaste o meu provir.

Que me arrojaste ao abysmo  
Profundo do meu penar;  
Que me trocaste o sorriso  
Em continuo suspirar!

E inda l'amo, mysterio  
Dos meus tormentos sem fim!  
— Talvez que nos braços d'outrem  
Zambes agora de mim.

Talvez... E eu a' penar,  
Continuo a gemer por ti!  
— Oh maldita foi a hora  
Negra hora em que t'eu vil!

Qu'e do tempo em que ditoso  
A' lyra cantava amor?  
Quebraste as cordas, perversa,  
A' lyra do trovador.

E uma só lhe deixaste...  
Uma só para dedelhar —  
Foi a corda das saudades,  
A corda do meu penar.

Deve ser só para os anjos  
Dos poetas o amor,  
Que mulheres não entendem  
Palavras de trovador.

III.

E o canto acabando  
Gemeu, suspirou,  
E a lyra a' um lado  
Baixoso atirou.

E arranca os cabellos  
Em tória deserdida,  
Insano profere  
Maldições á vida.

'Stá louco... coitado  
Lá fuge a correr,  
Armia chamando,  
Amor quer ver.

E a ingrata bem longe  
Com outro sorria,  
Em leito d'amores  
Amores fruiu!

E o louco manteo no peito mimoso  
Ervado punhal agudo embebeu.

Da morte co' a ancia sorriu, gritando:  
— Por ti minha vida, Armia! e BORREU.

IV.

E soube Armia  
Da erua sorte,  
Da triste morte  
Do trovador.

Mas o amor  
Que lhe jurara,  
Já se acabara,  
Já se fiadou.

Porqu' entregou  
A nivea mão  
E o coração  
A outro amante  
A quem jurou,  
Terna afeição.

Deve ser só para os anjos  
Dos poetas o amor,  
Que mulheres não entendem  
Palavras de trovador.

A. P. DOS P. S.

(Direito, jornal da Madeira).

rupto? logo sabe quem é, e não precisa que lh'o digam.»

« Para responder ao auctor do mesmo artigo tambem não precisa saber o seu nome. Pois v. para refutar a materia que elle contém, precisa por ventura saber quem o escreveu? Não saberá v. s.<sup>a</sup> argumentar senão *ad hominem*? « Miseravel logica, miseravel argumentação!»

« Senhor redactor, acabemos com isto em duas palavras.»

« Insto e peço novamente a v. pela ultima vez, que se digne declarar, se eu sou o alvo das suas allusões, ou não. « Dito isto, fico satisfeito, e sei o que hei-de fazer.»

« Desculpe-me v. se lhe tomei mais um pouco de tempo, e d'espaco no seu interessante jornal, mas a culpa não foi minha, e pelo favor da publicação de mais esta carta, que será a ultima, desde já lhe dirijo os meus agradecimentos, assignando-me

De v. etc.

Muito attento venerador

Antonio Alves Carneiro.

Guimarães 11 de Julho de 1859.»

Os documentos que ahí deixamos transcriptos respondem por nós a carta do sr. dr. Carneiro; mas, não obstante isso, sempre diremos duas palavras.

A primeira carta do sr. dr. não soffreu correção alguma da nossa parte; queixamo-nos apenas do tom imperioso em que era concebida, e nada mais.

Feita esta declaração, com franqueza confessamos, que não podemos atinar com o que o sr. Carneiro quer dizer no segundo periodo da sua carta.

Chamará bondade á nossa queixa o honra a declaração que fizemos de não pertencer á phalange dos seus creados? Talvez.

No 3.<sup>o</sup> periodo diz o sr. dr. Carneiro com muita graça:

« Mas se assim é, o que duvido, por que eu roguei, não exigi, que quer v. se quando peguei na penna esquecimo do redactor de um jornal, para me lembrar só do homem!!

Isto está na verdade muito bem dito; mas achamos tambem tão delicadas e miúdas as phrases com que fecha o 9.<sup>o</sup> periodo da mesma carta, que lhe pedimos licença para as adoptar como nossas e responder-lhe com ellas. São as seguintes:

« Não saberá v. s.<sup>a</sup> argumentar senão *ad hominem*? Miseravel logica, miseravel argumentação!»

Dito isto acrescentaremos ainda, que a resposta que demos á primeira carta do sr. Carneiro era a unica que podíamos dar-lhe.

No documento n.<sup>o</sup> 1 estabelecemos uma proposição condicional e suspensiva (e não positiva como s. s.<sup>a</sup> quer fazer acreditar) cuja resolução ficou dependente do anonymo declarar o seu nome.

Appareça, pois, o nome do anonymo e nós converteremos aquella proposição condicional, n'uma positiva, clara e bem definida.

Creia o sr. doutor que temos coragem

de subejo para o fazer, e que o não havemos de mandar aos anjinhos para estes lhe darem a resposta que só nós devemos dar-lhe.

## INTERIOR.

A noticia da morte de Sua Magestade a Rainha causou uma profunda sensação em todo o reino. Nem todos darão lagrimas á rainha, mas todos hão-de chorar a joven, roubada ao mundo no viço da existencia, e quando começaram a desabrochar-lhe as rosas da vida. Mulher — abriu os olhos á luz, e logo lh'os cerrou o véo da morte! Rainha — traja as vestes da realza, e logo estas se mudam nos crepes mortuarios! Contrista uma tal morte! Sua Magestade falleceu, na noite de 17 de corrente pela uma hora da madrugada, depois de ter recebido todos os sacramentos. Foi victima d'uma angina membranosa.

Crê-se que a produzira o passeio ás Vendas-novas para ver as experiencias d'uma peça fundida no nosso arsenal pelo systema moderno. O sol estava ardentissimo, e Sua Magestade expoz-se a elle andando a pé kilometro e meio até o lugar da experiencia. FANATA EXPERIENCIA!!!

No domingo passado affixaram-se, e espalharam-se no Porto proclamações, convidando o povo a reunir-se para protestar contra o lançamento da decima industrial, e ameaçando com resistencia os agentes da cobrança. Todos os jornaes censuram estes actos, que provocam a desordem, e perturbação da ordem publica, mas são accordes em reprovar o procedimento dos funcionarios no lançamento da decima. Na verdade revolta o lér a declaração de que — *as collectas contra as quaes se não reclamar hão-de ser pagas, ainda nos casos d'erro de calculo ou injustica manifesta!!!* É o systema de contribuições usado pelos Bachás na Turquia! Falta-lhe só o bastão para forçar os contribuintes ao pagamento!.....

Todavia o povo, antes de recorrer a meios violentos, tem os meios legais da reclamação; e petição, que deve empregar, e esgotar primeiro. O direito de resistencia só se justifica depois de esgotados todos os meios legais. Foram presos 3 dos individuos, que andavam espalhando as proclamações. Houve no Porto um incendio, que esteve a devorar a Academia Politechnica. Felizmente pôde ser atalhado, ardendo só parte do edificio, que pertence aos meninos orfaos.

Por decreto de 13 de Julho foi nomeada uma commissão para revér a nossa legislação commercial, e o processo respectivo, e fazer-lhe as reformas necessarias, e convenientes. A commissão é composta dos srs. Ferrão, Philippe de Soare, Elias Pessoa, Bento Pereira, Avellar, Simas, Nogueira Soares, Moraes Carvalho, Novaes, Pereira da Silva, Mello Soares, Abel Maria Jordão, Levy Maria Jordão, e Carlos Ramiro Coutinho.

O novo Conselho Superior d'instrução publica instalou-se na secretaria do reino no dia 12. Estiveram presentes os srs.

Castilho, Gomes, Campos, Magalhães Coutinho, e Barão de Paiva. Diz-se que o sr. Forjaz não aceitou a nomeação de membro do Conselho; e que o sr. dr. José Maria d'Abreu aceitou com a condição de não perder a cadeira na Universidade, presciando da gratificação de 300,000 réis, que lhe pertencia como vogal do Conselho Superior.

## EXTERIOR.

A paz celebrada em Villa-franca produziu mau effeito no espirito dos italianos.

O conde de Cavour, o ministro popular da Sardenha, pediu a sua demissão: tem havido difficuldade na formação do novo gabinete.

Nos ducados de Modena, e Toscana reina grande agitação. Napoleão era esperado em Pariz a 17.

## NOTICIARIO.

**FESTIVIDADE.** — No dia 16 teve lugar a festa de Nossa Senhora do Carmo na egreja do extincto convento do Carmo. Orou o revd.<sup>o</sup> abbade de Gondalães. A festa foi precedida da novena como é costume.

**OUTRA.** — Domingo 17 festejou-se com toda a pompa na parochial egreja de S. Paio o Augusto Sacramento da Eucharistia. Foram oradores de manhã o revd.<sup>o</sup> abbade de S. Cypriano de Taboadello; de tarde o revd.<sup>o</sup> padre Sebastião da Costa Vieira Leite. Não assistimos ao sermão de manhã, e por isso não podemos emitir o nosso juizo sobre elle; mas o revd.<sup>o</sup> abbade de Taboadello é bem conhecido de todos, como orador. Mas o de joven orador de tarde, esse encantou-nos, e arrebatou o auditorio. O joven orador soube elevar-se á altura do magestoso assumpto, que tractava. Encarou a instituição da Sagrada Eucharistia sob uma face inteiramente nova e bella; desenvolveu perfeitamente o pensamento do seu discurso, e expol-o n'uma linguagem mimoso, revestida com as galas da poesia. Foi um bello sermão. O sr. padre Sebastião é joven; tem aberta diante de si uma carreira brilhante; estude, pois, que desde já lhe auguramos um logar distincto entre os oradores portuguezes. Depois do sermão saiu a procissão, a qual ia com decencia e boa ordem.

**AO CONSERVADOR.** — Quando dissemos, que havia n'esta cidade duas mulheres, uma das quaes se sustentava apenas com clysters de leite, outra com hostias, e goles d'agua, o nosso estimavel collega recommendou-nos, que pozessemos sentinellas ás taes mulheres, e que logo talvez logro d'alguma *mistificação*.

Agora somos nós, que recomendamos, e pedimos ao estimavel collega, que em algum momento vago, visite o hospital da Taindade d'essa cidade, onde se acha aquella, que tem como unica alimentação, ha mais de seis mezes, clysters de leite. Se as informações, que o collega receber, forem, como esperamos, conformes ao

que dissemos, então pedimos-lhe, que ele se sua voz poderosa, chamando a attenção da medicina sobre esse facto, que nos parece extraordinario, e phenomenal.

Permitta-nos o collega, que tributemos n'este logar os devidos elogios á meza da V. O. 3.<sup>a</sup> de S. Domingos, por ter enviado aquella Irma sua para o hospital da Ordem da Trindade, porque havendo no Porto algumas illustrações medicas, não só pôde ella achar allivio a seus padecimentos, e conhecer-se uma doença, que os nossos facultativos não poderam definir, e caracterisar!

**SARAU CAMPESTRE.** — No dia 17 houve, na quinta da Seára, junto ás Taipas, um sarau, dado por differentes cavalheiros que alli se achavam a banhos. Passou-se uma noite agradabilissima.

A casa estava adornada com um gosto desprezencioso, que se condunava excellentemente com o logar. Nas *toilettes* das senhoras a elegancia apparecia desentallada de todos os atavios e riquezas que lhes dá muitas vezes nas altas sociedades um ar de affectação desagradavel. Tudo era alli singeleza, mas uma singeleza polida.

O serviço esteve optimo; e, supposto não fosse muito grande a concurrencia, dançou-se com a mais viva animação até ás 5 horas da manhã. E' que nem só o numero vale.

D'aqui foram abrilhantar aquella funcção as familias dos sars maiores — Rodrigues e Bezerra.

**CONSEQUENCIAS D'UM CRIME.** — Em um dos nossos passados numeros dissemos que nos suburbios d'esta cidade fóra assassinado com uma pedra um pobre carreiro que conduzia milho. As consequências d'este attentado não pararam, porém, aqui. A mulher da infeliz victima d'esta maldade selvagem estava pejada, e, apenas soube da morte do marido, de tal sorte se affligiu, que lhe não sobreviveu muito tempo.

O que é de admirar é que sendo este delicto praticado á hora do dia, em um sitio concorrido e proximo de Guimarães, não fosse possivel capturar o delinquente. Diz-se por ali que o proprio regedor lhe dera aviso para que elle podesse escapar-se. Se isto é verdade, ao snr. administrador cabe grande res. on. habilidade pela conservação d'um tal empregado.

Com criminosos e criminosos d'esta natureza todas as contempções são crimes. E' preciso um exemplo e um exemplo se-vero.

**SAHIDA.** — Hontem sahio d'esta cidade para Fafe o snr. major Baptista, inspector dos pesos e medidas d'este districto. O snr. Baptista vai ensinar n'aquelle concelho, e depois nos outros do districto, o novo systema de pesos e medidas.

**LUTO.** — No dia 18 recebeu-se n'esta cidade a infausta noticia da morte de S. M. a Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Estephania. Tão inesperada nova consternou a todas as pessoas, a quem soavam ainda nos ouvidos os repiques de sinos, que annunciaram o vigesimo segundo anniversario de S. M. Hoje ouvem o dobre compassado e lugubre dos sinos, que lhe annunciavam o seu passamento! Ha 3 dias festas, e regosijos, hoje luto e dor! Que lição!.....

O tribunal e mais repartições publicas acham-se fechadas por espaço d'oitto dias.

**LUIZ DE CAMÕES.** — Diz o «Ecco», que vão ser reimpressas por ordem do governo as obras do principe dos poetas portuguezes, sendo augmentadas com algumas composições ineditas. Já ha 2 ou 3 annos o snr. visconde de Jeromenha nos prometteu uma nova edição das obras de Camões; cremos, que será esta, que agora se annuncia.

**SYNAGOGA.** — Os judeus de Lisboa resolveram construir um templo, onde celebrem o culto, e ceremonias da sua religião.

Para este fim abriram uma subscrição, que chegou a 10 contos de réis. Mas como a obra esteja orçada em 20 contos, vão elles sollicitar o auxilio de seus correligionarios de Londres e Pariz.

**GRACA.** — Por cartas de Lisboa sabemos que o sr. Rodrigo de Sousa Teixeira foi agraciado com o titulo de Conde de Villa Pouca. Sua ex.<sup>a</sup> é o segundo conde d'este titulo.

## VARIEDADES.

MAXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD.

Por muitas que sejam as descobertas feitas no paiz do amor-proprio, resta ainda grande numero de terras desconhecidas.

As paixões são os unicos oradores que sabem sempre persuadir: são para assim dizer uma arte natural cujas regras apresentam um cunho de infallibilidade. O homem da maior simplicidade a quem uma paixão inflamma persuade mais do que o mais eloquente quando d'animo tranquillo.

As paixões geram muitas vezes paixões contrarias: a avareza produz algumas vezes a prodigalidade e vice-versa; não é raro ser-se valente por fraqueza, e audacioso por timidez.

O nosso amor-proprio supporta com mais impaciencia e condemnação dos nossos gostos que á das nossas opiniões.

A moderação das pessoas felizes vem do socego que a boa fortuna dá ao seu espirito.

Todos nós temos força bastante para soffrer resignados os males d'outrem.

A constancia dos sabios não passa d'um artificio com que occultam o seu desocogo.

A philosophia facilmente triumpho dos males passados e futuros; porém as desgraças presentes triumpham inteiramente d'ella.

O sol e a morte não podem olhar-se fixamente.

Fez-se muitas vezes ostentação das mais criminosas paixões: a inveja, porém, é um sentimento tão timido e vergonhoso que ninguém ousa confessal-o.

O mal que fazemos não nos arresta tantas perseguições e odios como nossos boas qualidades.

Todos nós temos mais força que vontade: e é muitas vezes para nos desculparmos a nossos proprios olhos que imaginamos certas coisas impossiveis.

Se nós fossemos isentos de defeitos não nos agradaria tanto nota-l-os nos outros.

O ciume sustenta-se de duvidas; torna-se em

furor, ou acaba logo que se passa da duvida a certeza.

Nada tanto deve chorar a nossa vaidade como o vemos que desaprovamos em um tempo o que approvamos em outro.

## ANNUNCIOS.

### INSTITUTO BRACARENSE.

Com este titulo, o snr. J. R. Mesnier acaba de fundar na cidade de Braga um collegio para alumnos do sexo masculino. As materias d'ensino são leccionadas por professores nacionaes e estrangeiros habituados ao ensino da mocidade.

O local escolhido é muito sadio e o mais adequado para similhante instituição. E' a casa apalaçada da Madre de Deus.

As pessoas que quizerem obter o programma do Instituto podem dirigir-se ao snr. J. R. Mesnier, fundador e director da Companhia Geral Bracarense, ou ao escriptorio d'esta redacção. (4)

QUEM quizer arrematar os bens do Penedo debaixo, na freguezia de S. Romão d'Arões, comarca de Fafe, vão á praça voluntariamente no dia 31 de Julho corrente de 1859, ás 9 horas da manhã, no Tribunal da mesma comarca. Qualquer perpendente pôde apparecer ás horas e dia marcado.

Como procurador de seus paes

Manoel Peixoto de Freitas.

(23)

No café da «Recreativa» ha, hoje 21 de Julho, neve desde as 7 horas da tarde em diante, e assim todas as quintas feiras, e domingos: tambem haverá bifles desde domingo em diante, pela manhã das 7 horas até ás 9, de tarde das 6 até ás 8: tem cerveja ingleza, gazosa, vinhos, e differentes licores. Algum snr. que pertenda tomar algum sorvete em sua casa, com tempo fará o seu aviso para não haver falta.

Por motivos justos, que sobrevieram, não pôde por ora haver a neve, que acima se annunciara. (24)

Em casa de José Joaquim Gonçalves de Faria na Rua dos Mercadores, n.<sup>o</sup> 18, ha um deposito de carvão de gaz e vende-se a preço de 200 réis cada arroba. (25)

## AVISO.

Todas as pessoas que quizerem assignar este periodico entregar correspondencias, annuncios, ou pagar a importancia d'assignaturas, correspondencias ou annuncios, podem dirigir-se a José Mendes Leite, a Senhora da Guia n.<sup>o</sup> 5.

RESPONSAVEL — JOSE LUIZ ALVES VIEIRA.

GUIMARÃES. — TYPOGRAPHIA VIMARANENSE.  
Rua do Gado n.<sup>o</sup> 8.